

**OBSERVAÇÕES SOBRE A SINTAXE
EM EDUARDO CARLOS PEREIRA E EVANILDO BECHARA**

Marilza de Lima da Paz Belmudes (UEMS)

marilzabelmudes@yahoo.com.br

Keila Regina Camargo (UEMS)

1. Introdução

Os estudos na área de gramática atravessaram toda a Idade Média e chegaram até a modernidade. A preocupação com questões envolvendo a oração e a formação das frases continuam presentes. As investigações se justificavam por se tratar do que seria apenas o emprego das formas, e as formas eram estudadas pela morfologia.

Segundo Francisco da Silva Borba (1979) somente no final do século XIX é que a sintaxe recuperaria a importância frente a fonética e a morfologia. Na ciência da linguagem, a sintaxe foi colocada em primeiro lugar, acima dos estudos da área morfológica.

O que nos instigou a elaborar este artigo científico no qual abordaremos a análise da *Gramática* do Eduardo Carlos Pereira e da *Gramática* de Evanildo Bechara, fazendo uma comparação da sintaxe na oração (sujeito e o predicado). Utilizaremos algumas frases da obra de Ismael de Lima Coutinho. Mostraremos a definição de sintaxe pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB)¹²¹ e também pontuaremos as diferenças encontradas nas duas gramáticas.

2. Sintaxe

A sintaxe se definiu enquanto área de análise autônoma no decor-

¹ NGB é uma sigla que significa Nomenclatura Gramatical Brasileira, que se refere ao conjunto dos vocábulos estabelecido para uso na gramática. A Nomenclatura Gramatical Brasileira tem por objetivo padronizar a nomenclatura gramatical em uso no País, nas escolas e na literatura didática.

rer do século XX. Mas os estudos linguísticos acerca da construção de frases e orações são feitos desde a antiguidade. Segundo Francisco da Silva Borba (1979, p. 08), Aristóteles e Platão já praticavam algumas investigações acerca das partes da oração. Também mantiveram a preocupação com o estudo da gramática com enfoque na oração, inclusive retomando os as ideias gregas como fundamentos para seus estudos.

Na Idade Média, Prisciano (gramático latino do séc. VI d. C) fez ressurgir a gramática de Dionísio e a de Discolo, instituindo, portanto, uma ponte entre a Antiguidade e a Idade Média. Dos seus dezoito livros, os dois últimos são dedicados a sintaxe. (BORBA, 1979, p. 09)

Os estudos na área de gramática atravessaram toda a Idade Média e chegaram até a modernidade. A preocupação com questões envolvendo a oração e a formação das frases continuou presente nestas investigações. No século XIX, a linguística comparada terá um grande desenvolvimento na Alemanha, os estudos nesta área deram uma maior ênfase a fonética e a morfologia, deixando a sintaxe em segundo plano. A justificativa para isso era que esta seria apenas o emprego das formas, e as formas eram estudadas pela morfologia. Segundo Francisco da Silva Borba (1979), somente no final do século XIX é que a sintaxe recuperaria a importância frente a fonética e a morfologia.

A oração aparece como expressão completa de um pensamento ou de um juízo e, pela função, se concentra em torno de um predicado (nominal ou verbal), único responsável pela constituição da mensagem. Na maioria das vezes, tais definições marginalizam a forma (= aspecto mórfico), mas, mesmo assim, tem alguma coisa de positivo na média em que focalizam o sentido também como valor gramatical da forma, e a função como relação entre os sentidos. (BORBA, 1979, p. 47)

Assim sendo, a oração é fundamental para os processos de comunicação entre as pessoas, pois é a única responsável pela transmissão da mensagem. Uma definição semelhante a essa, recai no problema de desvalorizar os aspectos mórficos da oração, mas é importante por focalizar o valor do sentido da oração em relação com a forma.

Segundo Francisco da Silva Borba (1979, p. 48), toda oração apresenta sujeito e predicado, pois representariam estes o agente e a ação que o enunciado pretende abordar. Esta noção, no entanto, vem sendo criticada por alguns teóricos que acreditam que a pretensão de universalidade destas categorias não é verdadeira. No mais, os componentes de uma oração (p. 35) podem se organizar numa ordem natural de acordo com as necessidades que o pensamento por ela expressado exige.

3. *Sintaxe: a oração sob a ótica de Eduardo Carlos Pereira*

No que tange o estudo das palavras combinadas preliminares da *Grammatica Expositiva* bem como o que transcorre no campo linguístico, na primeira metade do século XX, quanto ao estudo da sintaxe, Eduardo Carlos Pereira relata e categoriza as regras pertencentes à sintaxe de prática da língua padrão, fazendo uso de uma linguagem atribuída aos alunos do 1º ano do ginásio.

Eduardo Carlos Pereira inicia elucidando frase como o agrupamento de palavras que dá expressão a um pensamento, o qual pode ser completo ou incompleto (p. 188). No que diz respeito à proposição afirma: proposição, oração ou sentença é a frase constituída por uma ou mais palavras contendo uma afirmação qualquer. (p. 189). Esses conceitos, como se pode constatar, estão bastante fundamentados nas obras de indicação tradicional.

A *Grammatica Expositiva – Curso Elementar*, apresenta a ideia que a sintaxe é, pois, o estudo das palavras combinadas para formar a proposição, e a das proposições combinadas para formar o período (PEREIRA, 1907, p. 189). Ao definir sintaxe, ensina de forma bastante sucinta: o termo sintaxe é de origem grega = *syn* = com, *taxis* = arranjo: corresponde à palavra latina – construção. Desse modo tal combinação culminará na formação da proposição, e estas se combinam, muitas vezes, para formar uma proposição composta ou complexa; que se chama período gramatical.

De acordo com o autor é preciso considerar que:

Os factos syntacticos são excessivamente moveis, e difficil é traçar em seu estudo uma ordem rigorosamente systematica; tental-o-emos, todavia, grupando-os nas seguintes partes:

- I. Da proposição e seus membros
- II. Das particularidades syntacticas referentes ás categorias gramaticaeas
- III. Do período gramatical
- IV. Da pontuação. (PEREIRA, 1907, p. 189).

Referente ao estudo das palavras combinadas que compreende as quatro partes supracitadas o gramático Eduardo Carlos Pereira na parte inicial aponta noções de proposição, oração e sentença, passa então a classificá-las em declarativas, interrogativas, exclamativas, imperativas e optativas. Por conseguinte, começa a ensinar sintaxe, seguindo um regu-

lamento prescritivo.

Segundo Eduardo Carlos Pereira (1907) a proposição declarativa expõe um juízo e apresenta o verbo no indicativo, sendo afirmativa ou negativa. Já a interrogativa encerra uma pergunta. A exclamativa expressa sentimento de admiração. A imperativa o verbo está no imperativo ou subjuntivo e a optativa apresenta desejo ou permissão.

De acordo com o autor, é imprescindível distinguir nas palavras de uma proposição a função gramatical ou léxica da função sintática ou lógica, enquanto a primeira caracteriza a categoria gramatical, a outra tem por finalidade mostrar o papel que a palavra exerce como sujeito, predicado ou complemento. A esse respeito, Eduardo Carlos Pereira (1907) declara:

Os termos de uma proposição, considerados em uma função grammatical ou lexeologica são tantos quantas as palavras da proposição; porém, considerados em sua função syntactica ou logica, são três, também chamados membros da proposição:

- A) Sujeito
- B) Predicado
- C) Complemento.

O sujeito e o predicado são membros essenciais, porque, geralmente são fundamentais para a existência de uma proposição, já o complemento se diz membro acessório, pois dele não depende a existência da proposição. Os termos citados anteriormente indicam o papel que cada palavra desempenha na frase, e por consequência, suas relações de combinações e relacionamentos para a expressão do pensamento. Segundo o autor, tais termos correspondem às relações subjetivas, predicativas e complementares e as palavras estão todas relacionadas na frase: "a que serve de *sujeito* está em relação subjetiva para com o predicado; a que serve de *predicado* está em relação predicativa com o sujeito; a que *modifica* outra palavra está em relação complementar para com a palavra modificada". (PEREIRA, 1907, p. 191)

Dessa maneira o sujeito é o termo da oração que exerce a função estrutural de uma afirmação por intermédio do predicado; porém, em outras diversas circunstâncias as orações não apresentam o sujeito, já o predicado é o termo da oração que, por meio de um verbo, aponta alguma afirmação sobre o sujeito. Sendo assim, o autor declara:

O termo da proposição em sua combinação logica para a expressão logica

para a expressão do pensamento mantem entre si duas relações fundamentais: a relação de coordenação e a de subordinação. A relação de subordinação ou dependência dos termos uns dos outros é o objeto de sintaxe de regência. (PEREIRA, 1907, p. 223)

Na *Grammatica Expositiva*, as relações de dependência são determinadas na oração de duas maneiras, sendo pela posição e pela predicação. A disposição revela o sujeito e o objeto: em regra, o sujeito põe-se, imediatamente, antes do predicado que ele rege e o objeto depois do predicado de que é regido. Eduardo Carlos Pereira elucida que o sujeito e o predicado reclamam-se reciprocamente, este como regido e aquele como regente. Todavia há predicados que exprimem fatos em si completos sem qualquer sujeito determinado”. (PEREIRA, 1907, p. 223)

4. Sintaxe: para Evanildo Bechara

De acordo com a *Moderna Gramática Portuguesa*, Evanildo Bechara declara que toda a manifestação da linguagem comunicativa constitui uma sequência de unidades definidas por um silêncio antecedente ao início da atividade e sua sequência, acompanhada de contorno melódico e com escrita marcada, pela pontuação e emprego da maiúscula inicial, como no exemplo: *O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.* (p.35)

Segundo Evanildo Bechara (2009, p. 335) a unidade linguística que faz menção a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e compreendida pelo interlocutor, chama-se enunciado ou período. Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: declarativo ou enunciativo, interrogativo, imperativo-exortativo, vocativo e exclamativo, dos quais o primeiro diz respeito à função informativa da linguagem, os três subsequentes à função apelativa e o último à função expressiva. Em função disso a unidade linguística, no que tange sua concepção original, recebe o nome de enunciado; na tradição gramatical brasileira, período.

Para Evanildo Bechara entre os tipos de enunciados há a oração que estruturalmente, representa o objeto mais apropriado à análise gramatical, uma vez que melhor revela as relações que seus membros integrantes mantêm entre si, não invocando, sobretudo para outros elementos em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado oração que se embasa a gramática.

O enunciado também se mostra com formato de frase, cuja estrutura interna diverge da oração, pois não apresenta relação predicativa. Às vezes são simples palavras ou um agrupamento delas, que são transpostas à função do enunciado. Evanildo Bechara (2009, p. 337) defende a opinião que:

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o verbo (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a relação predicativa – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	Predicado
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

O gramático em questão compara as seguintes possibilidades: *Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã. Eu estudo português às segundas-feiras. Eu estudo português. Eu estudo. Estudo.* Nesta perspectiva, o único constituinte imprescindível foi o verbo estudo, tornando-o núcleo da oração, à medida que os outros integrantes são adjacentes ao núcleo e não preservam a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, visto que a associação entre o sujeito eu é mais estreita com o verbo estudo que os demais. No entanto a relação predicativa pode ser declarada a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou não declarada, como “*Chove*”. Consequentemente, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e deste modo, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente de oração em português.

Evanildo Bechara (2009) elucida que na relação sujeito e predicado, o grupo primordial corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o secundário exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO. Sendo assim:

Sujeito	Predicado
Os homens	desejam a paz
Eu	trabalho como professor
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O Sol	é um astro luminoso

Com a tabela acima fica elucidado o que Evanildo Bechara define como sujeito e predicado.

5. **Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara: uma comparação**

De acordo com Eduardo Carlos Pereira (1957, p. 17), a gramática é a estruturação das ocorrências da linguagem. Tal estrutura pode ser dividida em gramática geral, particular, histórica ou expositiva. E por se tratar de um determinado estudo, cujo ponto de convergência recai sobre a palavra, a gramática se divide em lexeologia e sintaxe. A primeira leva em consideração a palavra em si, de forma isolada. E a última considera a palavra relacionada a outras palavras, em combinações que expressam um pensamento qualquer em uma circunstância de comunicação.

Para Evanildo Bechara (2009), é incumbência gramatical propiciar estudo sobre os fatos da língua e a partir disso obter discernimento para uma boa fala e escrita, no domínio de uma determinada língua. Afirma ainda que a gramática não é unicamente ciência, mas também uma arte, e o gramático não deve somente determinar as regras do idioma falado por um grupo, igualmente deve auxiliar no aprendizado da língua.

Diferentemente do gramático Eduardo Carlos Pereira, o autor não divide seus estudos entre lexeologia e sintaxe, em razão de que a gramática estuda os sons da fala, por meio da fonética; as formas, através da morfologia; as construções, por intermédio da sintaxe e os sentidos e suas alterações, através da semântica.

Acerca da sintaxe da oração Eduardo Carlos Pereira (1957) aborda predicados, concordâncias, as variadas proposições, como proposição subordinada e proposição independente, dentre outros assuntos. O autor se preocupa com a relação entre sintaxe e o estilo da escrita.

No que tange a compreensão do conceito de oração na obra de Evanildo Bechara (2009), há superior atenção teórica por parte do autor em formular um entendimento, uma vez que ele enfatiza menos os estilos das frases, e insere em sua gramática discussões acerca de orações subordinadas e orações intercaladas.

Desta forma, apresentaremos o quadro comparativo das teorias desses dois gramáticos (Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara) como eles explicam os elementos da sintaxe na oração.

Gramáticos	Carlos Eduardo Pereira – <i>Grammatica Expositiva</i> (1907)	Evanildo Bechara – <i>Moderna Gramática Portuguesa</i> (2015)
Frase	Frase é a reunião de palavras que dá expressão a um pensamento, o qual pode ser completo ou incompleto.	Bechara não introduz o conceito de frase. E sim enunciado ou período.

Oração	Frase constituída por uma ou mais palavras contendo uma afirmação qualquer.	Oração encera a menor unidade de sentido discurso com propósitos definidos, utilizando os elementos que a língua dispõe de acordo determinados modelos convencionais de construção oracional.
Enunciado ou período		Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio.

Mas, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, a sintaxe é definida pela parte gramatical que se responsabiliza pelo estudo da estrutura da frase, e conseqüentemente, ela se divide em sintaxe de concordância, de regência ou de colocação.

6. Uma análise sobre as obras de Ismael de Lima Coutinho

O estudo da gramática, em específico a sintaxe da oração na análise da obra de Ismael de Lima Coutinho, precisa ser observado o seu contexto histórico da época. O autor, ao escrever os seus textos, embasava-se na gramática de Eduardo Carlos Pereira, publicada em 1907. Mas antes de adentrarmos na análise de alguns trechos do poema do autor, levaremos em conta a relevância dos estudos gramaticais de Evanildo Bechara e Eduardo Carlos Pereira.

Eduardo Carlos Pereira (1907, p. 189) descreve a “sintaxe, é, pois, o estudo das palavras combinadas para formar a proposição, e das proposições combinadas para formar o período”. Em contrapartida, Evanildo Bechara opta por agrupar sintaxe e morfologia, utilizando o termo “morfossintaxe”, porque na sua concepção, ficaria mais próximo do que de fato ocorre na realidade linguística.

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a morfologia (estudo da palavra e suas “formas”) e a sintaxe (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de “formas”, ainda que seja combinação com zero ou ausência de “forma”; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a oração não deixa de ser uma “forma” (na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). (BECHARA, 2009, p. 39)

Realizando uma breve análise da oração: “Ser poeta é fallar essa linguagem”, nota-se uma frase afirmativa, na qual o sujeito é “ser poeta”

Analisaremos um trecho do poema “ Ser poeta” da obra *Bosques*

Ser poeta

Ser poeta é fallar essa linguagem
Que anuncia o romper de um arrebol;
É sentir os lamentos da folhagem
Quando a vergasta o ardor de sol

Na oração "Ser poeta é fallar essa linguagem", chama-se período ou proposição a combinação de palavras exprimindo um pensamento completo, isto é, uma declaração formal. (PEREIRA, 1907)

Para Evanildo Bechara (2009), a oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o verbo (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a relação predicativa – o sujeito e o predicado.

Deixando esclarecido como cada gramático analisa a sintaxe na oração.

7. Considerações finais

Buscou-se em linhas gerais apresentar aspectos de ambas as concepções dos estudos gramaticais, em específico a sintaxe da oração de Evanildo Bechara e Eduardo Carlos Pereira, com a intenção de elucidar novas pesquisas acerca dos estudos em torno da historiografia linguística.

Observou-se que existe uma grande confusão causada pelas variadas terminologias da gramática da língua portuguesa no Brasil, no entanto, acarretavam constrangimentos para os estudantes que necessitavam efetuar provas e concursos em unidades federativas diferentes daquelas onde haviam estudado gramática.

De acordo com Eduardo Carlos Pereira (1957), a divisão efetuada entre fonética, morfologia e sintaxe, parece estar de acordo com os pontos preconizados pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. No entanto, a forma como o autor organiza em seu texto a exposição destas partes da gramática não é clara, pois ele utiliza uma grande variedade de divisões e subdivisões da gramática e de suas partes. Transparece em sua *Gramática Expositiva* que existe uma grande quantidade de terminologias, e que não há uma padronização dos nomes que se utiliza comumente para denominar as partes da gramática, seus tipos e suas subdivisões. Muitas das subdivisões apresentadas por Eduardo Carlos Pereira (1957) sequer existem na Nomenclatura Gramatical Brasileira como a prosódia, que segun-

do o autor é uma parte da fonologia.

E para Evanildo Bechara, sendo representante de um período posterior a formulação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, deixa claro desde o prefácio de seu livro sua opção por seguir as orientações contidas nela. No entanto, apesar dos nomes utilizados por Evanildo Bechara se assemelharem bastante aos nomes contidos no texto da Nomenclatura Gramatical Brasileira, sua divisão das partes da gramática em quatro não é preconizada nesta. A semântica não foi aceita pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, e, portanto, a Moderna Gramática Portuguesa não segue totalmente ao texto da Nomenclatura Gramatical Brasileira.

Depois dessa breve análise pode-se concluir que da comparação feita entre os dois períodos representados pelas obras de Eduardo Carlos Pereira (1957) e Evanildo Bechara (1983), que a gramática desenvolvida por Evanildo Bechara, mesmo mantendo as quatro partes da gramática e apresentando noções de estilística mantém uma maior proximidade com aquilo que consta na Nomenclatura Gramatical Brasileira. Transparece na Gramática Expositiva escrita por Eduardo Carlos Pereira (1957) uma distância maior em relação aos termos utilizados para nomear as coisas. Uma vez que a nomenclatura diz respeito ao nome que se emprega, entende-se que na obra do autor a terminologia variada ficou evidente.

Ambos os autores não seguiram em sua totalidade os parâmetros trazidos pela Nomenclatura Gramatical Brasileira listados, apesar de haver pontos semelhantes entre a gramática de Eduardo Carlos Pereira (1957) e o texto da Nomenclatura Gramatical Brasileira, é a gramática de Evanildo Bechara (1983) que mais se aproxima desta demonstrando uma maior organização das terminologias empregadas ao longo da obra.

Moderna Gramática Portuguesa, cuja autoria é atribuída a Evanildo Bechara, foi publicada inicialmente por Eduardo Carlos Pereira e chamava-se Gramática Expositiva e desfrutava de ampla circulação no ensino gramatical. “ Com a morte de Eduardo Carlos Pereira, e as exigências estritas da NGB, sua adaptação é proposta por E. Bechara, o qual, ao apresentá-la, no entanto, é reconhecido não como possível adaptador do texto, mas como autor de outra gramática. (ORLANDI, 2002, p. 148)

Como a obra de Evanildo Bechara foi reeditada em 1983, pode-se concluir que a Nomenclatura Gramatical Brasileira não foi esquecida totalmente, e vem sendo utilizada e lembrada desde então nos estudos que são feitos na área de gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º Graus*. São Paulo: Nacional, 1983.

BORBA, Francisco da Silva. *Teoria sintática*. São Paulo: Edusp, 1979.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário brasileiro Globo*. São Paulo: Globo, 1997.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Eduardo Carlos Pereira. In: _____. *O ce-leste por vir: a inserção do protestantismo no Brasil*. Prefácio de José de Souza Martins. 3. ed. São Paulo: USP, 2008, p. 130-134.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva: curso elementar*. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog, 1907.